

Três casas demolidas no Itapoã

Os moradores do Condomínio Itapoã, entre as cidades de Sobradinho e Paranoá, estão em pé de guerra. Eles prometem lutar pela moradia até às últimas conseqüências e, no final da tarde de ontem, puseram fogo em pneus e fecharam a rodovia DF-001, no sentido do Posto Colorado. A polícia teve que intervir para desobstruir a estrada.

Nos últimos três dias, três casas foram derrubadas. E pelo menos outras 14 estão na lista do 6º Comando Aéreo, órgão do Ministério da Aeronáutica responsável pelo terreno da União, que tem 500 mil metros quadrados às margens da DF-250.

A pendenga que envolve o condomínio é antiga. O terreno foi grilado há mais de cinco anos, loteado e vendido a preços que variaram de R\$ 2 mil a R\$ 3 mil, segundo contam os próprios moradores. A União recorreu à Justiça e ganhou o direito de reintegração de posse, em 14 de outubro de 1998, concedido pelo juiz Novelty Vilanova da Silva Reis, da 7ª Vara de Justiça do DF.

Desde essa data, a Aeronáutica mantém vigilância para impedir que novas casas sejam erguidas. Em tese, as 150 famílias que já haviam construído

podem ficar no local, com a permissão dos militares. A Aeronáutica negociou com o GDF uma doação recíproca (troca) de terrenos, para mantê-los onde estão, ainda no governo Cristovam. Porém, o acordo nunca saiu do papel. "O acordo foi ratificado pela atual gestão, mas ainda não foi oferecida uma área para nós", explica o tenente Marco Aurélio, oficial responsável pelo terreno.

As casas que estão sendo derrubadas, segundo o tenente, foram erguidas depois do mandado de reintegração de posse. "Eles quebraram a cerca e Burlaram a vigilância", acusa o tenente Marco Aurélio. Os soldados da Aeronáutica que patrulham o terreno não permitem a entrada de móveis nem materiais de construção. Para despistar a segurança, os moradores passam com o material pela cerca, longe dos olhos dos soldados.

"Ana Cleide Barros, 26 anos, disse que sua casa foi derrubada com seu filho dentro dela. Cleide conta que comprou o lote há três anos, mas só há 30 dias decidiu construir a casa, para se livrar do aluguel. "Fomos todos enganados pelos grileiros que agiam aqui. Não tenho para onde ir agora", desabafa.

INTERMEDIÁRIA

O confeitiro Jocivaldo de Carvalho, 22 anos, dono da terceira casa derrubada ontem, construída há quatro meses — portanto depois do mandado da Justiça —, afirma ser vítima da má-fé dos grileiros. "Gastei R\$ 2,8 mil e depois descobri que era tudo uma *furada*", conta. "O pior é que o grileiro está solto por aí, numa boa, e nós aqui, na dificuldade." Ele acusa uma mulher, que conhece apenas por Isabel, de ter vendido o terreno para ele.

A acusada, Isabel Almeida da Rocha, 45 anos, mora, segundo ela mesma afirma, "de favor" na casa de um amigo, no Condomínio Itapoã, depois que foi despejada e presa sob a acusação de grilagem. "Não fiz nada de errado. Apenas intermediei as vendas dos terrenos", conta. Ela acusa os moradores de se passarem por ingênuos. "Todo mundo sabia que isso aqui era irregular. Quem disser o contrário está mentindo", afirma.

O secretário de Assuntos Fundiários do Distrito Federal, Odilon Aires, foi procurado pelo **Correio** durante toda tarde de ontem, mas não foi localizado para falar sobre a situação dos moradores do Condomínio Itapoã.